



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos jornais italianos Il Corriere della Sera, La Repubblica, Il Sole 24 Ore, Il Manifesto e Il Messaggero

Roma-Itália, 12 de novembro de 2008

Jornalista: Eu quero perguntar sobre questões econômicas. (inaudível) o G-20.

Presidente: Primeiro, o Brasil não vai fazer pedido ao G-20. Estou otimista com a reunião do G-20, porque já faz dois anos que eu tenho reivindicado que os líderes políticos se reúnam para discutir os grandes problemas que o mundo atravessa, seja a questão do comércio, a questão da economia, seja a questão dos conflitos.

Por exemplo, na questão dos conflitos, se os Estados Unidos tivessem ouvido o que pensam outros países, certamente não teríamos a guerra do Iraque ou, quem sabe, já pudéssemos estar encontrando uma solução para os conflitos no Oriente Médio.

Na questão de comércio, já há muito tempo eu venho dizendo a todos os líderes, em todas as reuniões que eu participo, que não existe mais problema econômico nas negociações da OMC. O problema é eminentemente político, ou seja, pelo peso que a agricultura tem no eleitorado de cada país, o que inibe os dirigentes a assumirem uma posição de liderança e de dizer o que é importante para que haja um equilíbrio no comércio mundial.

O Brasil já fez todas as propostas que tinha que fazer, já fizemos as concessões nos produtos industriais. E estamos aguardando que os países ricos, a começar pelos Estados Unidos, flexibilizem na questão dos subsídios, para permitir que países mais pobres possam vender os seus produtos nos mercados mais avançados.



Na questão da crise econômica, eu penso que a coisa principal que nós temos que decidir, e não sei se será decidido numa única reunião, é que o sistema financeiro mundial precisa ter regulação.

No caso do Brasil, os nossos bancos de desenvolvimento só podem alavancar, de financiamento, até 10 vezes o seu patrimônio líquido...

Jornalista: (inaudível)

Presidente: ...na Itália, me parece que são 20 vezes. Nos Estados Unidos chegou a 35 vezes. Há quem diga que tem banco que chegou a 90 vezes. Então, o que aconteceu é que, a pretexto da liberdade de mercado se permitiu que o sistema financeiro funcionasse como se estivesse num cassino, onde o importante era ganhar dinheiro, sem se preocupar com o setor produtivo. Essa é a grande questão. E ao mesmo tempo em que se discute a regulação do sistema financeiro, é preciso discutir a irrigação da economia, para que o crédito volte à indústria, à agricultura e ao consumidor.

A terceira coisa, que eu acho extremamente importante, é que as instituições multilaterais voltem a funcionar de verdade. Por isso, é preciso uma profunda reforma. A começar pela reforma das Nações Unidas, a reforma do Fundo Monetário Nacional ou a criação de uma outra coisa, a reforma do Banco Mundial ou a criação de um outro instrumento. O dado concreto é que essas instituições foram criadas para cuidar dos países pobres, para dar palpites nas economias dos países pobres. Mas agora que a crise chegou e nasceu nos países ricos, eles não têm solução. Aliás, nem falam na imprensa. Quando a crise era no Brasil, na Argentina, todo mundo sabia a solução. Agora que é nos Estados Unidos, ninguém sabe.

A única coisa de que tenho clareza é que os pobres não podem pagar essa crise. E que países como o Brasil e como outros da América do Sul, que passaram 20 anos com a economia sem crescer, com muito desemprego e



com muita perda salarial, e que há pouco mais de cinco anos começaram a se recuperar, não podem ser vítimas da irresponsabilidade do sistema financeiro internacional. Eu tenho clareza de que a situação é difícil, de que não haverá milagre para consertar a economia, mas eu penso que nós estamos sendo exigidos a mostrar por que fomos eleitos e resolver esse problema logo, porque até agora nós temos uma crise financeira, nós temos falta de crédito e isso está chegando na economia real. E quando chega na economia real significa menos emprego, mais desemprego, diminuição da renda salarial, mais exclusão social, ou seja, retrocederemos aos anos 80.

É isso que vamos discutir lá. No caso do Brasil, nós já tomamos a decisão: se cada país fomentar o crescimento do seu mercado interno e garantir que sua produção industrial se mantenha crescendo, por menor que seja, nós teremos a chance de reverter essa crise agora. Senão, vamos precisar fazer muitas reuniões.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Primeiro, eu não os considero radicais. Cada presidente da República faz os seus discursos em função do seu público. Ou seja, o líder político italiano fará o discurso para agradar ao público italiano e não para agradar o público brasileiro ou de outro país. O líder brasileiro fará o discurso para agradar ao público brasileiro. Então, eu acho que o Chávez tem a sua realidade na Venezuela, o Rafael Correa tem a sua realidade no Equador, Evo tem a sua realidade na Bolívia, e nós temos a nossa no Brasil. Do ponto de vista econômico, eu não vejo onde há espaço para o radicalismo, a não ser que um país entendesse que ele pode sobreviver sozinho no mundo, que ele não precisa comprar nada nem vender nada, que não precisa de empréstimo externo. Não existe esse país. Há uma interdependência econômica, científica, tecnológica, e isso nos permite que nós nos coloquemos de acordo sobre os



temas que são importantes para os nossos países.

O Brasil trabalha da forma mais satisfatória possível com todos os países da América Latina e da América do Sul, nós não confundimos a nossa relação pessoal com a nossa relação de chefe de Estado, porque ser presidente de um país e ter relação de amizade com outros presidentes não significa construir um grupo de amigos. A relação não pode ser assim. A relação é do Estado venezuelano com o Estado brasileiro e tem que durar após os nossos governos. Temos trabalhado de forma muito afinada com o Chávez, com o Evo, com o Rafael. Vamos continuar trabalhando o Brasil com mais responsabilidade, porque é a maior economia da região. Então, o Brasil tem que ter mais consciência, mais solidariedade e mais contribuição com os nossos vizinhos. É assim que nós pensamos que vamos fortalecer a Unasul, fortalecer o Mercosul e fortalecer as nossas economias.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Quando eu ganhei as eleições, em 2003, alguns analistas econômicos diziam que o Brasil não tinha conserto, que estava quebrado. Eu botei na minha cabeça a convicção de que era preciso fazer um esforço incomensurável para que a economia brasileira desse certo, porque se eu falhasse eu estaria frustrando milhões de trabalhadores que nunca tinham chegado à Presidência da República. Eu precisava provar o tempo inteiro que um trabalhador teria coragem de administrar o Brasil. Eu fui eleito com grande capital político e utilizei esse capital político para fazer os ajustes que tinham que ser feitos na economia brasileira, para poder viver o momento que estamos vivendo agora. Fizemos um ajuste muito duro e fizemos muita política social.

Eu tinha uma idéia, que era contraditória com a de alguns companheiros que diziam que só se pode distribuir quando a economia cresce. Eu dizia que era possível distribuir para a economia crescer. O que nós fizemos? Nós



fizemos uma forte política social para a agricultura familiar; nós fizemos uma forte política social para o crédito das pessoas mais pobres; nós criamos o programa Fome Zero, e dentro do Fome Zero, o programa Bolsa Família; nós criamos um programa chamado Luz para Todos, que já levou energia elétrica para mais de 8 milhões de famílias que moram nos lugares mais distantes do Brasil; criamos uma forte política de microcrédito, e o que aconteceu? Os pobres passaram a consumir, as empresas tiveram que produzir mais e o comércio teve que vender mais. Com a indústria crescendo, nós geramos, em cinco anos, 11 milhões de empregos formais. Só este ano, de janeiro a setembro, criamos 2 milhões de empregos formais. É mais do que nos últimos oito anos do governo passado.

Bem, por que estou dizendo isso? Porque eu penso que vai acontecer com o Obama o mesmo, ou seja, tem muita gente dizendo que os Estados Unidos vão quebrar, como diziam que o Brasil ia quebrar em 2003. Alguém que é eleito com a performance com que foi eleito o Obama e com a expectativa criada pela eleição do Obama não pode falhar, porque a frustração seria tão grande que eu não sei quantos séculos levaria para um negro ser eleito presidente da República americana outra vez. E o Obama, que parece ser muito inteligente, tem consciência de que se não tomar medidas rápidas para enfrentar a crise, o que hoje está nas costas do partido Republicano e do presidente Bush, oito meses depois estará nas costas dele. Então, ele terá que tomar medidas. Não sei se ele já tem as medidas mas, certamente, ele tem capital político para tomar algumas medidas importantes, que talvez o presidente Bush não tenha. E aí eu penso que ele tem que fazer alguns gestos.

É sempre muito delicado dar palpite na política de um outro governante, mas eu penso que o Obama tem que compreender que não existe mais nenhuma razão para a continuidade do bloqueio a Cuba, nenhuma razão. Aliás, não existe explicação política, a Guerra Fria já acabou, o Muro de Berlim já caiu, e os Estados Unidos podem fazer esse gesto, têm força política para



isso. Da mesma forma que eu vejo a questão do Oriente Médio. O problema do Oriente Médio não pode ser tratado como um problema dos Estados Unidos, de Israel e dos palestinos. É preciso saber as divergências dentro dos palestinos, as divergências dentro de Israel, e fortalecer o Fórum de Annapolis, a ter mais países participando, que representem todas as forças políticas em conflito no Oriente Médio, para que se possa pensar em paz. Enquanto o Hamas não se colocar de acordo com a autoridade palestina e for com um único pensamento para a mesa de negociação, enquanto as forças políticas de Israel não se colocarem de acordo, com um único pensamento... e para que se coloquem de acordo é preciso que os interlocutores representem todos os conflitos existentes. Se tiver apenas um lado, pode não dar certo.

Vou lembrar vocês de uma coisa importante: quando nós tomamos posse, teve um problema na Venezuela. Eu lembro como se fosse hoje, janeiro de 2003. Eu estava em Quito, na posse do presidente Gutierrez, que foi cassado um tempo depois. Naquele dia eu tive uma reunião com o Hugo Chávez e propus ao Chávez a criação de um grupo de amigos da Venezuela para que pudessem conversar com o governo e a oposição e garantir o processo democrático na Venezuela. Isso foi mais ou menos às nove horas da noite. À meia-noite o Chávez já tinha embarcado para Nova Iorque, quando me disseram... Eu tive uma conversa com o presidente Fidel Castro, e ele estava muito preocupado porque eu tinha proposto que os Estados Unidos fizessem parte do grupo de amigos e que a Espanha fizesse parte do grupo de amigos. A Espanha foi o primeiro governo, na época do Aznar, que reconheceu os golpistas. O Fidel me dizia: “assim vai destruir a Venezuela. Está entregando na mão dos inimigos”. Eu dizia para o Fidel: eu não estou criando um grupo de amigos do Chávez. Estou criando um grupo de amigos da Venezuela. Da mesma forma que nós temos que ter pessoas que concordam com o Chávez no grupo de amigos, nós temos que ter pessoas que concordam com a oposição (inaudível). Daí porque a participação dos Estados Unidos e da



Espanha. A verdade é que nós telefonamos para o Chávez, ele estava em Nova Iorque. Ele regressou de Nova Iorque, foi ao Brasil, tivemos uma longa reunião, me parece que no sábado, até que nós conseguimos convencer o presidente Chávez de que a mesa de negociação tinha que ser assim. O que aconteceu é que deu certo. Chávez fez a eleição, ganhou as eleições, e a Venezuela internamente criou um outro clima.

Eu penso que se vocês quiserem encontrar harmonia em conflitos internacionais é preciso que não sejam apenas os países envolvidos no conflito os negociadores, que sejam outros. Eu penso que é assim que o presidente Obama pode contribuir, com a importância americana, para resolver os problemas de Cuba e para resolver os problemas do Oriente Médio.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Já estou ficando com saudades porque, de 1989 até agora, vai ser a primeira eleição presidencial em que eu não sou candidato. Eu trabalho com a convicção de que o PT tem que construir uma base muito sólida para continuar o projeto que estamos implantando no Brasil, e trabalho com a hipótese de que o candidato tem que ser do PT. Eu penso que no próximo ano nós deveremos definir quem será o candidato. O PT vai ter que fazer os seus debates internos, mas eu pretendo apresentar ao PT quem deva ser o candidato do PT.

Eu tenho dito para todo mundo que a minha ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, tem um potencial extraordinário. Eu ainda não conversei com ela, mas pretendo a partir de agora começar esse processo de conversação, porque eu acho que ela será uma boa candidata. O que precisamos é construir uma aliança primeiro para que, quem for candidato, seja o candidato de uma boa base com vários partidos políticos, e eu acho que é plenamente possível construir isso.



O governo trabalha com a idéia de que se construirmos tudo o que já está planejado, tudo o que já está em construção e tudo o que vai ser licitado daqui para a frente, o governo chegará muito forte nas eleições. Agora, se vamos ganhar ou não, teremos que esperar pelo eleitor brasileiro. Mas eu estou muito otimista e eu penso que a Dilma será muito bem avaliada pelo PT.

O ideal é que não seja um candidato do PT para o PT, mas seja um candidato de uma base mais ampla, com um programa sólido para os próximos oito anos no Brasil. Portanto, temos muito trabalho pela frente. O momento é muito bom, mas ainda tem dois anos, e em dois anos em política pode acontecer muita coisa.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Vamos começar pelo final. O Brasil está trabalhando a apresentação de um programa estratégico de defesa, pela importância que o Brasil tem na região. Nós temos 17 mil quilômetros de fronteira seca, nós temos uma costa marítima com 8 mil e 500 quilômetros. Nesses últimos 30 anos, sobretudo depois que os militares deixaram o poder, as nossas Forças Armadas foram perdendo estrutura e sequer nós conseguimos renovar o mínimo necessário para que as Forças Armadas estejam preparadas numa eventualidade qualquer. Esse documento deve ser-me apresentado nesses próximos dias. Nós temos interesse em recuperar a indústria de defesa no Brasil, porque quase tudo o que a gente tinha foi dizimado. O Brasil precisa ter a sua própria indústria de defesa, porque já tivemos na década de 70. Então, não tem nenhum sentido países menores do que o Brasil terem Forças Armadas mais preparadas do que as nossas.

A segunda coisa, nós estamos trabalhando um processo de enriquecimento de urânio dentro das normas da Agência Internacional, nós temos interesse em construir um submarino nuclear. Todo mundo sabe que o



Brasil é um país de paz, ou seja, nós não temos tradições conflituosas há mais de um século e pretendemos continuar assim, mas precisamos ter um mínimo de força para dissuasão.

Com relação ao terrorismo, eu penso que o terrorismo pode estar ligado ao fundamentalismo religioso, mas é importante que a gente atente para o que as desigualdades sociais do mundo provocam de conflitos entre países pobres e países ricos. Portanto, nós temos que trabalhar com a convicção de que, se a riqueza produzida no mundo for distribuída minimamente, de forma justa, nós estaremos diminuindo as possibilidades das razões pelas quais nós temos ameaças terroristas.

Eu estou convencido de que isso passa também pela reforma das Nações Unidas. Quando nós tivermos uma ONU mais democrática e mais representativa da geografia política do mundo hoje, as decisões da ONU serão respeitadas. Senão, vai acontecer o que está acontecendo hoje. Há 15 dias, na sede das Nações Unidas, foi votada a questão de Cuba. Apenas três votos se mantiveram pelo bloqueio: Estados Unidos, Israel e uma ilha... Se 99% da ONU estão dizendo que o bloqueio é condenado, por que não acaba o bloqueio?

Por isso, eu acho que a ONU tem que ser fortalecida, e é por isso que o Brasil está pedindo uma reformulação no Conselho de Segurança, para que outros países estejam representados. O que vai garantir a tranqüilidade do mundo são exatamente os gestos que nós fizemos para evitar sectarismos.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: De vez em quando se fala na tríplice fronteira, mas não existe absolutamente nada na tríplice fronteira. O Brasil é um país que tem 10 milhões de descendentes árabes, temos mais do que a maioria dos países árabes; a Argentina deve ter outro tanto; o comércio de Ciudad del Este, no Paraguai, é quase todo árabe; no Uruguai deve ter um outro tanto de árabes, e nós



vivemos na mais perfeita harmonia. Eu acho que quem levantou a tese da tríplice fronteira estava procurando, como dizemos no Brasil, chifre em cabeça de cavalo.

Jornalista: (inaudível) o Aquífero Guarani.

Presidente: Mas o Aquífero Guarani tem dono. Eu penso que também em política internacional muitas vezes os conflitos são mais retóricos do que conflitos de verdade. Tem gente que não sabe fazer política sem inimigos, e eu sou daqueles que preferem fazer política construindo amigos.

(\$31DGJMQ)